

Rosane Preciosa *

Não é sobre mim que escrevo, é sobre o que gira ao meu redor

*

Rosane Preciosa é ensaísta e professora na graduação e na pós em Artes, Cultura e Linguagens, no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Em 2010, publicou o livro Rumores Discretos da Subjetividade: sujeito e escritura em processo, sua tese de doutorado, defendida, em 2002, no Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, na PUC/SP, sob a orientação da Profa. Dra. Suely Rolnik.

<rosane_preciosa@yahoo.com.br>
ORCID: 0000-0002-9891-3443

Resumo Lygia Francisconi é uma escritora, já falecida, ex-interna do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, que, de 2006 a 2009, participou de uma Oficina de Criatividade lá oferecida. Foi nessa Oficina que suas palavras floresceram e passaram a ser escutadas. Em 2010, seus escritos dispersos foram reunidos e se tornaram um livro que recebeu o título de "O Sol que gira". A ideia que predomina entre nós é que em um hospital psiquiátrico só existem distúrbios e anomalias das quais devemos nos manter afastados. Mas onde parece haver apenas silêncio, existe uma infinidade de visões e sons que resistem ao aniquilamento, e que podem ou não sair do espaço de confinamento. Lygia inventa um fora, mora sozinha numa kitinete. Neste artigo, procuraremos ativar uma escuta sensível dos escritos de Lygia, sublinhando os usos e desvios que praticava no seu exercício literário. Ela parecia ter clareza de que a experiência da escrita não era apenas um trabalho de transformação de si mesma, mas a possibilidade de criar para si um território de existência.

Palavras chave Doença Mental, Literatura, Escuta, Território de Existência.

It's not about me that I write, it's about what revolves around me

Abstract *Lydia Francisconi is a writer, now deceased, a former intern at the São Pedro Psychiatric Hospital of Porto Alegre, who, from 2006 to 2009, participated in a Creativity Workshop offered there. It was in this workshop that his words flourished and began to be heard. In 2010, his scattered writings were brought together and became a book that received the title "O Sol que gira". The prevailing idea among us is that in a psychiatric hospital there are only disorders and anomalies from which we must stay away. But where there seems to be only silence, there are a multitude of sights and sounds that resist annihilation, and which may or may not leave the confinement space. Lydia invents out, lives alone in a very small flat. In this article, we will try to activate a sensitive listening to Lydia's writings, underlining the uses and deviations that she practiced in her literary exercise. She seemed to be aware that the experience of writing was not only a work of transformation of herself, but the possibility of creating for herself a territory of existence.*

Keywords *Mental illness, Literature, Listening, Territory of Existence.*

No se trata de mí que escribo, se trata de lo que gira a mi alrededor

Resumen *Lydia Francisconi es escritora, ya fallecida, ex interna en el Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, quien, de 2006 a 2009, participó en un Taller de Creatividad que allí se ofrece. Fue en este taller donde sus palabras florecieron y comenzaron a ser escuchadas. En 2010, sus escritos dispersos se reunieron y se convirtieron en un libro que recibió el título "O Sol que gira". La idea que prevalece entre nosotros es que en un hospital psiquiátrico solo existen trastornos y anomalías de las que debemos alejarnos. Pero donde parece haber solo silencio, hay una multitud de imágenes y sonidos que se resisten a la aniquilación y que pueden o no salir del espacio de confinamiento. Lydia inventa, vive sola en un kit. En este artículo intentaremos activar una escucha sensible de los escritos de Lydia, subrayando los usos y desviaciones que ella practicaba en su ejercicio literario. Parecía tener claro que la experiencia de escribir no era solo un trabajo de transformación, sino la posibilidad de crearse un territorio de existencia.*

Palabras clave *Enfermedad Mental, Literatura, Escucha, Territorio de Existencia.*

Introdução

Lydia Francisconi frequentou, de 2006 a 2009, a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre. Foi nesse período que por lá germinaram suas palavras, e puderam ser ouvidas, recolhidas e reunidas em três cadernos, por alguns psicólogos estagiários. Em 2010, esses escritos dispersos ganharam a forma de um livro, uma edição esmerada, sob o selo Nota Azul, cujo título é *O Sol Que Gira*. O livro chegou às minhas mãos através de queridos amigos.

Gostaria de iniciar esse texto com o relato de um escritor argentino, Ricardo Piglia, sobre um encontro entre o psiquiatra suíço Gustav Jung e o escritor James Joyce, em sua clínica na Suíça. Para Joyce, sua filha era uma admirável escritora, ele não admitia que Lucia, era este o seu nome, estivesse doente e a estimulava a escrever. Joyce, na ocasião, escrevia *Finnegans Wake*, um experimento radical de linguagem, como todos sabem. Pois bem, Joyce vira-se para Jung e lhe diz: "Ela usa a linguagem como eu..." "Sim", respondeu-lhe Jung, "mas ali onde você nada ela se afoga". (PIGLIA, 1994, p. 62)

Afundar, desfigurar-se, desmanchar-se, não conseguir constituir um mínimo eu para se sustentar de pé. Sabemos que ninguém sai ileso da potência enredadora da vida com seus tsunamis, de onde, sabemos, sairemos outros. Nadaremos, afundaremos? Alguns afundam, e trazem notícias de suas dores psíquicas. Rubricados pelo poder médico de doentes mentais, experimentam uma interrupção do fluxo de vida no corpo, caem na armadilha clínica, e uma desordem os paralisa, os confina a partir de dentro, resta-lhes apenas uma miséria física e subjetiva.

Outros, como Lydia Francisconi, souberam se manter à tona da enxurrada de diagnósticos disponíveis que podiam lhe sufocar com palavras tristes. Lembremos Deleuze, via Spinoza, ao dizer que na tristeza estamos todos ferrados, e que os poderes precisam que os sujeitos sejam tristes, porque as tristezas diminuem nossa potência de agir. Lydia traçou uma linha de fuga, e foi aos poucos produzindo na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro um apetite singular pela escritura, lá deixando as marcas de sua vulnerável e potente saúde. Faz da linguagem uma máquina de desconfinamento, com suas frases que parecem obedecer a uma lógica referencial, comunicativa, sensata, mas sujeitas a delicadas derrapagens, quase imperceptíveis, eu diria. Fuga tática de Lydia do estigma do personagem social excluído recluso, mudo.

É como se houvesse uma sintaxe-criança vibrando em sua escritura, que lhe franqueia acessar o que não foi ainda suficientemente domesticado. O que nos leva a associar às três metamorfoses narradas por Zarathustra (2018) do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, em que a criança é re-começo, alívio do pesadume de viver.

Rato não consegue roer ferro, eu acho. Rato pode roer alguma coisa do carro. Rato no barro se tiver meio seco é com as patas que ele mexe. Rato ou é rato ou não é.

Revirar a casa para encontrar algo perdido, rever algo.

(FRANCISCONI, 2010, p.25)

O sentido do que diz é quase suspenso ao se deixar abandonar pela cadeia de sons, que emergem das palavras. A sonoridade obtida, ao que parece aqui, é quem lhe aponta o sentido do que escreve.

Escrever é criar bordas

Escrever para ela é ir em busca de uma borda afetiva que acolha sensações, visões, audições, delírios. Ter a chance de renascer com outras palavras, talhadas numa linguagem, a da literatura, que trata de botar para correr um mundo, para que um outro certo mundo aterrisse afirmando a força do que é esburacado, do que é intervalar, do que é irredutível a uma unidade. Podemos pensar que a literatura cria neste nosso mundo a possibilidade de uma fuga, de uma invenção. “Ela não foge do mundo, mas faz o mundo fugir”. (MALUFE, 2011, p.63), “O livro me fez nascer de novo, nascer pra vida”. (FRANCISCONI, 2010 p.92).

Há um procedimento na escritura de Lygia que me parece se impor no livro. Nós o lemos embarcados em supostas águas tranquilas, com a sensação de que nada está fora do lugar. Ela não é exatamente alguém que parece se afogar no que escreve. Sua escritura é de uma familiaridade de viés, eu diria, onde se agenciam palavras que estão na boca de todos, palavras consensuais, inocentes clichês, que nos transmitem um apaziguamento.

Mas, de repente, um bloco desses se extravia do seu curso, e acontece um desencaixe que amplifica de tal maneira o consenso, que o faz descarrilar, criando uma espécie de efeito atordoante. Nessa hora, abre-se uma fenda no mundo, o ataque de Lygia contra os clichês, o senso comum, tudo isso feito de um jeito levíssimo. Ela desarma as palavras e frases que nos entorpecem, delas liberando camadas de “visões e audições” abafadas. Ela faz agir dentro da língua uma outra, menor, cujo funcionamento ela domina, uma língua que nos surpreende.

Se eu cair no Rio Guaíba com um sorrisal na mão, atravesso o Rio Guaíba e o sorrisal não derrete de tão mão fechada que sou. Quem disse foi o Jorge e a Rose, os amigos. Mas eles não sabem que eu não sei nadar. (FRANCISCONI, 2010, p.100)

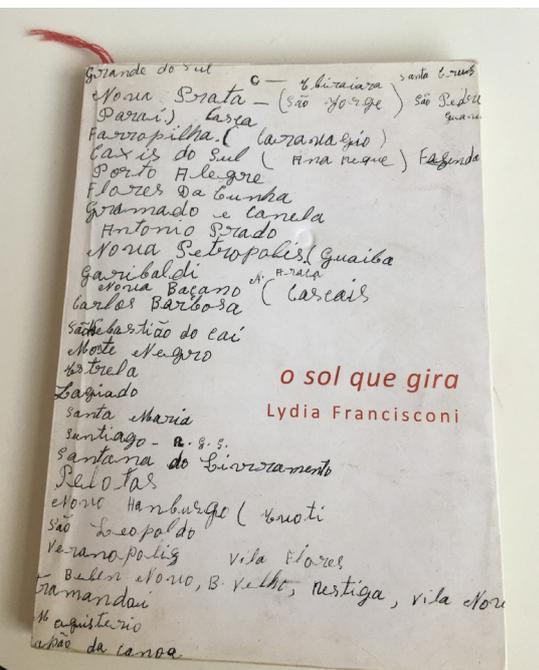


Fig 1. Capa de O sol que brilha
Fonte: Foto da autora, 2021

Lydia escreve para dar forma às suas sensações, sem o risco de asfixiá-las prematuramente com conexões prontas, com palavras na ponta da língua para despachar. Aliás, fazemos isso o tempo todo, afoitamente, e esse procedimento nos impossibilita de receber sensações ainda não catalogadas, que pedem passagem no corpo e parecem desejar virar escrita. Em sua prosa-poética, ela demonstra um enorme fôlego de permanecer um tempo debaixo d'água, para só então retomar seu lugar no mundo, um território que conquistou para si, ao se insubordinar diante do emudecimento que lhe estava destinado. Como não pensar em Clarice Lispector, que em vários momentos relata que vai se aproximando aos poucos do que está pensando na hora mesmo de escrever. Não é um pensamento anterior à escrita, é o pensamento se fazendo na escrita.

Sua escritura flui ao sabor das intensidades que a percorrem, que por sua vez contagiam suas palavras e fazem com que aconteçam seus fragmentos poéticos. Aliás, só uma escritura fragmentária pode encarnar o que é episódico, descontínuo, informe, o fragmento recolhe com simpatia tudo que de residual a vida emana. É capaz de operar simultaneamente uma inteireza de articulações, combinada a uma resistência a sistematizações. Valendo-se dessa forma de escrita, Lydia pode experimentar suas dispersões, seus desmoronamentos, seus silêncios. Enfim, pode habitar os fluxos de vida que lhe atravessam e que desencadeiam uma escrita rizomática, com a qual vai costurando os fatos da sua vida, fazendo proliferar narrativas que vão engatando umas nas outras, sem uma lógica causal, mas com rigor interno. São blocos de memória, compostos por distintas temporalidades, e ela vai se deslocando de um plano para outro, apossando-se de experiências, algumas dolorosas, e resignificando-as.

Há felizmente o estilo. [...] o estilo é um modo sutil de transferir a confusão e violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação. [...] não aguentamos a desordem estupefata da vida. (HELDER, 2004, p.11)

Gosto demais dessa afirmação do narrador: “não aguentamos a desordem estupefata da vida”. Suspeito que Lydia enfrenta essa desordem estupefata confeccionando delicadamente e com vigor unidades de sentido, com uma distraída atenção plena, convocada por uma série de estimulações, que necessita explorar e criar uma ordem, uma espécie de edição em aberto.

rios de existência que a desafoga de afetos tristes, que possam alcançá-la e capturá-la, paralisando-a.

Hoje foi um dia cheio para mim. Comprei a escrivainha do computador e virei as coisas do lugar, de um lado pro outro, até que acertei e aí queria que funcionasse rápido mas não consegui. Estou eufórica, a mil, era impossível. Ele é bem antigo, só tem dezesseis memórias, mas foi emocionante, porque seu Jorge, apesar de enxergar pouco, me ensinou o dia todo até as 11 e 30 da noite [...] a Rose ficava junto para ver e ria por qualquer coisa que eu dissesse e como ela anda deprimida, eu gostei de ver ela rir, mas eu não aprendi muito não [...] (FRANCISCONI, 2010, p.101-2)

Eu leio Lydia não para decifrar suas palavras, buscar sentidos ocultos, interpretá-las. Quero com elas fazer travessias, me libertar da palavra que subjuga a vida dando-lhe ordens. Sou dela uma aprendiz. Cito Deleuze:

A linguagem não é feita para que se acredite nela, mas para ser obedecida. Quando a professora explica uma operação às crianças, ou quando ela lhes ensina a sintaxe, ela não lhes dá, propriamente falando, informações, comunica-lhes comandos, transmite-lhes palavras de ordem, ela faz com que produzam enunciados corretos, ideias justas, necessariamente conforme às significações dominantes. (DELEUZE, 1998, p.32)

Com Lydia vou aprendendo a abandonar as palavras “[...] rouba-tempo, que estão sempre disponíveis e aparecendo em legião”, e incorporando “palavras súbitas”, estas raras, que “vêm em geral cercadas de espanto [...] carregando consigo a breve duração de sua promessa”. (RAMOS, 2001, p. 15)

São essas últimas, me parece, as porta-vozes de devires, elas escangalham modos enunciativos disciplinados, que abafam as vibrações do corpo. “Cada um tem seu sistema de escrita”, palavras de Lydia. Quase a escuto dizer que cada um tem seu estilo, e estilo não tem nada a ver com escrever bem. Como nos dirá Tomaz Tadeu,

O estilo em Deleuze está muito mais ligado a uma política do que uma estética [...] ele serve para submeter a língua a um processo de variação contínua com vistas a transformar quem escreve e quem lê. (TADEU, 2004, p.46)

O sistema de escrita de Lydia, para usar os seus próprios termos, me afeta por insistir em produzir conexões com a vida, que vai sendo em

fluxo. Ela vai inventando alguns laços que lhe dão um território qualquer. Ela percebe que escrever é alento, é um modo de resistência, para não ser engolida pela palavra de outrem, ou mesmo ser absolutamente calada. Ela escreve com o emaranhado de linhas de vida que compõem todos nós: as duras, normativas, as flexíveis, que cavam respiradouros, e as de fuga, que tensionadas demais podem nos aniquilar. E à semelhança de qualquer um de nós, ela vai cotidianamente puxando esses fios, os enlaçando, com eles conjugando o verbo existir. Tudo tentativa, em que êxitos e fracassos acontecem.

Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. (DELEUZE, 1998, p. 75).

Não é fácil para ninguém. Mas Lydia Francisconi era incansável e prosseguiu obstinada em sua solidão de vulcão.

Considerações Finais

Encerro com um fragmento tão belo quanto paradoxal, como tantos outros fragmentos, que compõem esse extraordinário livro, espécie de compilação de gestos mínimos, dotados de grande força poética, dessa escritora incontornável.

Sol é uma dádiva pois com ele é mais fácil secar as roupas lavadas, é saudável arejar a casa, é bom pra saúde em todos os sentidos, é bom antes da chuva, é bom depois, é bom pras plantas, o sol da manhã é bom pra reforçar o cálcio no organismo das pessoas, no inverno até os animais gostam de para no sol, os passarinhos também gostam, é bom pras crianças brincar no sol [...], no meu apartamento entra o sol na cozinha e no quarto de manhã e à tarde na sala, fica tudo bem arejado e com bastante claridade. Eu particularmente não gosto de sol, ele prejudica a pele do meu rosto mas os passarinhos adoram [...] (FRANCISCONI, 2010, p.35)

Lydia ainda reverbera em mim. Ela me vem de repente, em clarões. Ela foi tecendo com sua escritura uma biografia, um modo de apossar-se de si mesma. Mas as linhas de sua biografia estão esgarçadas, ela sabe disso em seu íntimo. Se adere a um nome é porque por meio dele pode fazer de si um território, onde se sente ancorada e encorajada a experimentar suas desestabilizações diárias, seus prumos e desaprumos, sem perder-se completamente.

Referências

- DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, trad: Eloisa Araújo Ribeiro, 1998.
- FRANCISCONI, Lydia. **O Sol que Gira**. Porto Alegre: Nota Azul, 2010.
- MALUFE, Annita Costa. **Poéticas da Imanência** – Ana Cristina César e Marcos Siscar. Rio de Janeiro: Editora 7 letras/FAPESP, 2011.
- Nietzsche, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- PIGLIA, Ricardo. **O Laboratório do Escritor**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994.
- RAMOS, Nuno. **O Pão do Corvo**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- TADEU, Tomaz. **A Filosofia de Deleuze e o Currículo** – Coleção Desenrêdos. Goiânia: Núcleo Editorial FAV/UFG, 2004.

Recebido: 15 de fevereiro de 2021.

Aprovado: 05 de março de 2021.